

Título: Jornalista investiga a mais famosa caça às bruxas

Veículo: O Globo - **Localidade:** RIO DE JANEIRO - RJ - **Data de publicação:** 30/03/2019

Editoria: Segundo Caderno - **Página:** 5

Centimetragem: 165 cm/coluna

RESENHA

Em grande reportagem investigativa, a autora americana Stacy Schiff reconstrói a perseguição de mulheres e homens que, em 1692, levou à condenações e mortes na comunidade puritana de Salem

Jornalista investiga a mais famosa caça às bruxas

"As bruxas"

Autora: Stacy Schiff.

Editora: Zahar.

Tradução: José

Siqueira. Páginas:

340. Preço: R\$ 89,90.

Cotação: Bom.



NELSON VASCONCELOS
segundocaderno@oglobo.com.br

Tudo muito estranho. Em 1692, a cidade de Salem, na Nova Inglaterra, foi tomada por bruxas de uma hora para outra. Houve até relatos de 700 mulheres voando em alta velocidade, montadas em galhos de árvores, além de episódios de possessões demoníacas, mandingas e esquisitices várias. Pelo bem geral, isso tinha que acabar, o que levou a processos e à execução de 14 mulheres, cinco homens e dois pobres cachorrinhos.

Parece delírio, mas tudo o que ocorreu em Salem foi devidamente documentado pela Justiça da então colônia britânica. Portanto, se os juízes concluíram que os acusados eram bruxos, bruxos eles eram. E não é por acaso que essa história mexe até hoje com o imaginário americano, como mostra Stacy Schiff no recém-lançado "As bruxas — Intriga, traição e histeria em Salem".

Betty, de 9 anos, e Abigail, de 11, foram as primeiras vítimas das perseguições diabólicas. Queixavam-se de agulhadas provocadas por forças ocultas, gritavam palavras desconexas, rolavam pelo chão, contorciam-se e toca-

vam literalmente o terror. Casos semelhantes atazanaram a comunidade puritana. A caça às bruxas tornou-se inevitável. Alguém, afinal, estaria de pacto com o demônio. A primeira acusação recaiu sobre uma escrava que não teve medo de descrever feitiços e ainda dedurou uma mulher que ficara meio doída depois das mortes brutais do pai e do marido.

Mas o processo degingolou. Como o ser humano sempre dá um jeito de exercitar sua maldade sem qualquer ajuda de satã, vizinhos passaram a acusar vizinhos, um marido denunciou a própria mulher, inocentes foram presos, e assim instalou-se o caos. No fim, foram mais de 200 acusações, mas só 19 pessoas foram condenadas.

O inferno de Salem durou apenas nove meses. A santa inquisição, capitaneada pelas pessoas "do bem", decidiu que a força daria jeito nas assombrações. Deu mesmo. Com a morte dos bruxos, a paz voltou a reinar. Mas essa história sobrenatural jamais foi esquecida. Nem poderia. O obscurantismo mata.

PESQUISA MINUCIOSA

Stacy Schiff, que já ganhou um Pulitzer, o prêmio mais importante do jornalismo dos EUA, não foi a primeira a se encantar pelas bruxas de Salem. O dramaturgo Arthur Miller (1915-2005) também mergulhou nesses mistérios, assim como centenas de curiosos. Stacy fuçou milhares



Premiada. Stacy Schiff levou o Pulitzer em 2000 por "Vera", biografia da esposa do escritor Vladimir Nabokov

de páginas dos processos e diários pessoais dos principais personagens da cidade. Não é leitura fácil.

De qualquer forma, a intriga continua. Supondo que seja impossível alguém voar em galhos de árvores, o que realmente estava em jogo?

Na reportagem minuciosa de Stacy, de um lado temos cidadãos indefesos acusados de bruxaria e, de outro, inquisidores misturando questões religiosas, econômicas e políticas. Essa é a chave desse e

de tantos outros conflitos. Mas lembremos que nada prova que bruxas não tenham existido, enquanto os relatos, estes sim, foram reais e aterrorizantes para uma comunidade fanática daquele fim de mundo. Os fatos, no caso, eram irrelevantes, algo parecido ao que chamamos de fake news.

A propósito, Stacy mostra outro hábito feio da época:

"O magistrado não hesitava em dizer aos jurados o que pensava (...) e era ca-

paz de orientá-los a considerar culpado o acusado. Na ausência de provas suficientes, bastava a fonte suspeita. A reputação tinha grande peso, o que explicava como tantos testemunhos inadequados acabaram na corte".

Tal semelhança entre essa conduta do século XVII e alguns processos atuais é de-veras assustadora. Ou aquela era uma sociedade muito avançada, ou estamos re-gredindo celeremente.